

# TEMPO, ESPAÇOS E POTENCIALIDADES DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL



## TIME, SPACES AND POTENTIAL FOR PLAY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

### CARINA BRAZ CRISTO DE SOUZA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade São Bernardo do Campo (2019); Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Universidade Federal do ABC (2023); Especialista em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (2023) Professora de Educação Infantil – na EMEI Jardim Americanopolis.

### RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão crítica sobre o papel do brincar na Educação Infantil, considerando os elementos tempo e espaço como fundamentais para a valorização das práticas lúdicas no cotidiano pedagógico. A partir de uma abordagem qualitativa e com base em revisão de literatura, o estudo busca compreender como o brincar se manifesta nos diferentes contextos educativos, quais são suas potencialidades para o desenvolvimento integral da criança e de que maneira as condições temporais e espaciais interferem na efetividade dessas vivências. A investigação se apoia em obras de autores clássicos e contemporâneos da Educação e da Psicologia do Desenvolvimento Infantil, com o intuito de fundamentar teoricamente as práticas observadas e propor novos olhares sobre a organização do ambiente educativo. Verificou-se, ao longo da pesquisa, que o tempo destinado ao brincar, assim como a qualidade dos espaços disponibilizados, têm impacto direto sobre a autonomia, a criatividade, a socialização e a construção do conhecimento pelas crianças. A literatura também aponta que a escassez de tempo e espaços inadequados ainda são entraves para a efetivação do brincar como direito e eixo estruturante da Educação Infantil. Conclui-se, assim, que é imprescindível que gestores e educadores repensem as práticas escolares, promovendo ambientes que respeitem o ritmo infantil e que potencializam as experiências lúdicas como forma legítima de aprender e se desenvolver.

**Palavras-chave:** Brincar; Educação Infantil; Tempo; Espaço; Desenvolvimento Infantil.

## ABSTRACT

This article proposes a critical reflection on the role of play in Early Childhood Education, considering the elements of time and space as fundamental for valuing playful practices in everyday teaching. Using a qualitative approach and based on a literature review, the study seeks to understand how play manifests itself in different educational contexts, what its potential is for the integral development of children and how temporal and spatial conditions interfere with the effectiveness of these experiences. The research is based on works by classic and contemporary authors of Education and Child Development Psychology, with the aim of providing a theoretical basis for the practices observed and proposing new perspectives on the organization of the educational environment. Throughout the research, it was found that the time allocated to play, as well as the quality of the spaces provided, have a direct impact on children's autonomy, creativity, socialization and the construction of knowledge. The literature also points out that a shortage of time and inadequate spaces are still obstacles to the realization of play as a right and a structuring axis of Early Childhood Education. The conclusion is that it is essential for managers and educators to rethink school practices, promoting environments that respect children's pace and that enhance playful experiences as a legitimate way of learning and developing.

**Keywords:** Play; Early childhood education; Time; Space; Child development.

## INTRODUÇÃO

A infância é um período da vida marcado por intensas descobertas, aprendizagens e transformações. Nesse contexto, o brincar assume um papel central no desenvolvimento da criança, sendo uma atividade que, além de prazerosa, é profundamente educativa. No entanto, mesmo diante de sua reconhecida importância, ainda é possível observar práticas pedagógicas que limitam ou negligenciam o brincar como um direito e como um eixo estruturante da Educação Infantil. A escolha por investigar o tema “tempo, espaços e potencialidades do brincar na Educação Infantil” surgiu da constatação, tanto em contextos de estágio quanto em experiências práticas, de que muitas instituições de ensino ainda enfrentam dificuldades em garantir às crianças momentos e ambientes adequados para o brincar. Essa realidade motivou o estudo, que busca compreender os fatores que dificultam a implementação efetiva do brincar e discutir alternativas para sua valorização nos ambientes escolares.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a importância do tempo e dos espaços no processo de promoção das atividades lúdicas na Educação Infantil, compreendendo suas potencialidades para o desenvolvimento integral da criança. Como objetivos específicos, pretende-se: a) refletir sobre a concepção de infância e sua relação com o brincar; b) investigar, por meio de revisão bibliográfica, as contribuições do brincar no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança; c) discutir a organização do tempo e do espaço nas instituições de Educação Infantil e seus impactos nas práticas lúdicas; d) identificar possíveis estratégias para a valorização do brincar como eixo curricular.

O presente trabalho inicia-se com uma abordagem sobre os conceitos de infância e brincar, percorrendo os principais referenciais teóricos que fundamentam a importância da ludicidade na Educação Infantil. Em seguida, discute-se a influência do tempo e do espaço na organização das práticas pedagógicas voltadas ao brincar. A última seção do desenvolvimento contempla sugestões e reflexões sobre como as instituições podem transformar seus ambientes e rotinas em favor de experiências mais significativas para as crianças. Por fim, nas considerações finais, são apresentadas as sínteses das ideias discutidas e as contribuições que o estudo pretende oferecer ao campo da Educação Infantil.

Este artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa qualitativa de caráter teórico, cujo método adotado foi a revisão de literatura. A escolha dessa metodologia justifica-se pela intenção de conhecer, analisar e discutir o que já foi publicado por diversos autores sobre o tema em questão, com o objetivo de construir uma base sólida para a reflexão crítica proposta neste trabalho. A revisão bibliográfica constitui um procedimento fundamental para a investigação científica, especialmente quando se busca compreender conceitos, identificar lacunas e elaborar novos questionamentos a partir do acúmulo de conhecimento existente. O critério de seleção dos materiais considerou, principalmente, a relevância dos autores no campo da Educação Infantil, a atualidade das publicações e a aderência temática ao problema investigado. Entre os autores que fundamentaram a discussão, destacam-se: Vygotsky, Piaget, Wallon, Kishimoto, Oliveira, Sarmiento, Corsaro, Campos e Kramer.

A leitura dos textos foi orientada pela busca de respostas ao problema central da pesquisa: de que forma o tempo e os espaços destinados ao brincar influenciam nas experiências e no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil? A análise dos dados coletados seguiu uma abordagem interpretativa, com base na articulação entre os referenciais teóricos e os objetivos propostos, respeitando os princípios éticos da pesquisa acadêmica e valorizando a pluralidade de ideias presentes na literatura.

## **TEMPO, ESPAÇOS E POTENCIALIDADES DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

## 1. O conceito de infância e o direito ao brincar

A concepção de infância sofreu significativas transformações ao longo da história. Durante muitos séculos, a criança foi vista como um “adulto em miniatura”, sem voz, vontade ou necessidades próprias. Foi apenas a partir dos séculos XVII e XVIII, com o surgimento de novas perspectivas filosóficas e pedagógicas, que a infância passou a ser reconhecida como uma fase específica da vida, com características, potencialidades e direitos próprios. Autores como Jean-Jacques Rousseau, por exemplo, contribuíram para essa mudança de olhar, ao defenderem a valorização das experiências infantis e a necessidade de uma educação pautada no respeito à natureza da criança.

Na contemporaneidade, influenciados pelas contribuições da Psicologia do Desenvolvimento e da Sociologia da Infância, compreende-se que a infância não é apenas uma etapa biológica, mas também uma construção social e histórica. Nesse sentido, a criança é vista como sujeito de direitos, dotada de capacidade de expressão, participação e protagonismo. A Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e, posteriormente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) no Brasil, reforçam essa concepção ao afirmarem que toda criança tem direito ao lazer, à cultura, ao convívio familiar e comunitário, e, sobretudo, ao brincar.

O brincar, portanto, deixa de ser apenas uma atividade espontânea ou recreativa e passa a ser reconhecido como um direito fundamental da infância. Segundo Kishimoto (2011), o brincar é uma linguagem própria da criança, através da qual ela comunica sentimentos, elabora vivências, constrói significados e desenvolve suas múltiplas dimensões. Brincar é aprender, é se relacionar com o mundo, é experimentar papéis sociais, é criar e imaginar. Nesse sentido, negar à criança o tempo e o espaço para brincar é limitar suas possibilidades de ser e de se desenvolver integralmente.

## 2. O brincar como eixo estruturante da Educação Infantil

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em seu documento para a Educação Infantil, reforça que o brincar é um dos eixos estruturantes do trabalho pedagógico, ao lado das interações. Essa orientação tem como base a compreensão de que a criança aprende em contextos de experiências significativas, nas quais o brincar ocupa lugar central. Ao brincar, a criança exercita suas habilidades cognitivas, afetivas, motoras, sociais e simbólicas, promovendo um aprendizado que vai além da repetição de conteúdos formais.

Segundo Oliveira (2002), a ludicidade está relacionada à maneira como a criança interpreta o mundo ao seu redor. Ao se envolver com jogos, brincadeiras de faz-de-conta, construções e outras formas de exploração lúdica, ela reorganiza suas percepções, atribui novos sentidos à realidade e desenvolve autonomia para interagir com os outros e consigo mesma. Nessa perspectiva, o brincar

não deve ser tratado como um momento de "intervalo" entre as atividades pedagógicas, mas como um tempo legítimo de aprendizagem.

Kishimoto (2011) reforça que o brincar é uma atividade intencional da criança, com estrutura própria, regras e simbolismos. Portanto, ao planejar suas práticas, o educador deve considerar o brincar como parte integrante e essencial da rotina, promovendo situações que valorizem a curiosidade, a imaginação, a iniciativa e a criatividade infantil. Essa abordagem demanda uma postura pedagógica sensível e atenta, que reconhece o brincar como linguagem expressiva e como direito, conforme previsto em documentos legais e normativos.

### 3. A organização do tempo na rotina escolar

A organização do tempo nas instituições de Educação Infantil é um dos fatores que mais impactam na efetividade das experiências de brincar. Embora a BNCC e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil recomendem a garantia de tempos flexíveis, que respeitem o ritmo biológico e psicológico da criança, ainda é comum encontrar escolas que estruturam suas rotinas de forma rígida, com horários excessivamente marcados e pouco espaço para a espontaneidade.

De acordo com Campos (2005), o tempo da criança é diferente do tempo do adulto. Enquanto os adultos vivem pautados por compromissos, relógios e produtividade, a criança precisa de tempo para experimentar, repetir, errar e reinventar. O tempo da infância é um tempo de descobertas, que exige disponibilidade e escuta por parte dos adultos. Quando a rotina escolar é excessivamente fragmentada, com atividades cronometradas e transições abruptas, as possibilidades de brincar de forma livre e significativa são reduzidas.

Nesse sentido, Kramer (1999) propõe uma reestruturação da concepção de tempo escolar, de modo que as atividades não sejam vistas como compartimentos estanques, mas como experiências integradas e inter-relacionadas. O tempo do brincar deve ser garantido não apenas como um momento específico da rotina (o "tempo do parque" ou "recreio"), mas como uma dimensão presente em todas as práticas pedagógicas. O educador, por sua vez, precisa estar atento ao tempo das crianças, criando pausas, prolongando brincadeiras, permitindo que as ações se desdobrem de maneira orgânica e respeitosa.

### 4. Espaços de brincar: entre o físico e o simbólico

Os espaços onde a brincadeira acontece também são fundamentais para a qualidade da experiência infantil. Quando falamos em espaços de brincar, não nos referimos apenas ao ambiente físico, mas também aos contextos simbólicos e culturais nos quais as crianças estão inseridas. Um espaço de

brincar pode ser um parque, uma sala de aula, um canto da casa ou mesmo um território imaginário criado no faz-de-conta.

Sarmento (2004) destaca que o espaço educativo deve ser compreendido como um ambiente de possibilidades, onde a criança possa se movimentar, explorar, criar e interagir. Isso implica pensar a sala de aula como um lugar multifuncional, que não se limita ao uso de carteiras enfileiradas ou de recursos didáticos tradicionais. A organização do espaço deve considerar a acessibilidade dos materiais, a diversidade de propostas e a liberdade de circulação.

Além disso, Corsaro (2011), ao estudar a cultura entre pares, mostra que as crianças criam seus próprios significados nos espaços que ocupam, transformando-os constantemente por meio da brincadeira. Assim, mesmo espaços aparentemente neutros ou "sem função" podem ser ressignificados pelas crianças, desde que haja abertura e reconhecimento da sua capacidade criadora.

O desafio para os educadores está em garantir ambientes que estimulem a imaginação, o movimento, a convivência e o respeito às individualidades. Para isso, é preciso abandonar a ideia de controle absoluto do espaço e permitir que ele seja, de fato, apropriado pelas crianças. Isso inclui a valorização de ambientes externos, áreas verdes, brinquedos não estruturados e materiais diversificados que favoreçam a invenção.

## 5. Desafios e perspectivas para a valorização do brincar

Apesar dos avanços nas políticas públicas e no campo acadêmico, ainda há muitos desafios para consolidar o brincar como prática efetiva e valorizada nas instituições de Educação Infantil. Entre esses desafios, destaca-se a resistência de algumas equipes pedagógicas, que ainda associam o brincar à perda de tempo ou à ausência de objetivos claros. Soma-se a isso a pressão por resultados escolares precoces, que muitas vezes levam à antecipação de conteúdo do Ensino Fundamental em detrimento das práticas lúdicas.

Outro entrave é a formação dos professores. Muitos cursos de formação inicial ainda oferecem uma visão tecnicista e conteudista da educação, sem explorar adequadamente os fundamentos da ludicidade e da infância como tempo de vivência e experimentação. A formação continuada, nesse cenário, torna-se um caminho essencial para promover mudanças de concepção e de prática.

No entanto, é importante reconhecer também os avanços e as perspectivas positivas. O fortalecimento das redes de colaboração entre educadores, as pesquisas acadêmicas sobre a temática e o crescente reconhecimento do brincar como direito vêm contribuindo para a construção de um novo olhar sobre a infância. Projetos pedagógicos que valorizam a escuta das crianças, que



promovem a coautoria das experiências e que constroem ambientes lúdicos e afetivos mostram que é possível transformar a realidade educativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo refletir sobre o brincar na Educação Infantil, enfatizando a importância do tempo e dos espaços para a efetivação dessa prática como direito e como eixo estruturante do currículo. A partir da revisão de literatura, foi possível compreender que o brincar é uma atividade essencial ao desenvolvimento integral da criança, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos, sociais e simbólicos.

Verificou-se que a organização do tempo e dos espaços na rotina escolar influencia diretamente na qualidade das experiências de brincar. A rigidez de horários, a fragmentação das atividades e a limitação de espaços lúdicos ainda representam desafios significativos à valorização da ludicidade nas instituições educativas. Por outro lado, práticas pedagógicas que respeitam o tempo da infância e que promovem ambientes acolhedores, diversificados e acessíveis contribuem para uma educação mais humanizada e coerente com os direitos da criança.

Ao longo da discussão, destacou-se também a necessidade de uma mudança de concepção por parte dos educadores e gestores, o que passa pela formação contínua e pela construção coletiva de um projeto pedagógico que tenha o brincar como base. Essa mudança implica reconhecer a criança como sujeito ativo, protagonista de sua aprendizagem, e o educador como mediador sensível, que observa, escuta e interage a partir das demandas e interesses infantis.

Entende-se, portanto, que brincar não é apenas uma forma de passar o tempo na escola, mas sim uma experiência vital que permite à criança expressar-se, experimentar o mundo, desenvolver-se e ser plenamente criança. Que o tempo e o espaço para o brincar sejam, cada vez mais, compreendidos como elementos essenciais da prática educativa, contribuindo para uma infância mais rica, significativa e respeitada.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: abr. 2025.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Presidência da República, 1990.

CAMPOS, Maria Malta. Educação Infantil: uma nova oportunidade para a criança brasileira. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 114, p. 9-16, 2001.

CORSARO, William A. Sociologia da infância. Tradução de D. A. da Rocha Lordello e F. Finco. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 2011.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade: desafios para a Educação Infantil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Infância e Educação Infantil: muitos olhares*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 13-28.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio, ou Da Educação. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas sociedades contemporâneas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, p. 80-91, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Livraria Bertrand, 1975.